

RASTROS DE LEITORES: UM ESTUDO NOS LIVROS ESCOLARES DO ACERVO DO MUSEU DA ESCOLA CATARINENSE (DÉCADAS DE 20 A 70 DO SÉCULO XX)

CUNHA, Maria Teresa Santos – PPGE / UDESC-SC – mariatsc@gmail.com

GT: História da Educação / n.02

Agência Financiadora: CNPq / UDESC

Introdução

O Projeto Museu da Escola Catarinense¹ é “*um espaço educativo não formal, responsável pela preservação do patrimônio cultural catarinense ligado à educação*”. Este acervo reúne materiais relativos aos processos da escolarização formal em Santa Catarina, (livros, cadernos, registros visuais, escritos, sonoros, iconográficos), que contam um pouco da história da escola e da cultura escolar em Santa Catarina e no Brasil desde os finais do século XIX até a década de 1970 do século XX.

Numerosos livros constituem este acervo e se hospedam em suas prateleiras. . Portadores de **discursos** variados, alimentadores de imaginários são fontes para o estudo da escola e da cultura escolar. Considerados dispositivos textuais, os livros escolares “*produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por ele menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas*”.²

Dentre as várias formas que simbolizam as aprendizagens, o livro escolar ocupa relevante papel e seu uso sinaliza para práticas de leitura e escrita na educação escolarizada onde a idéia de educar sujeitos leitores foi sendo produzida nas formas de ensinar e exercitar a leitura e nos discursos de intelectuais interessados na educação de crianças e jovens.

Este estudo pretende destacar os livros escolares que compõem o acervo do Museu da Escola Catarinense destacando sua circulação no contexto da institucionalização da educação elementar, em Santa Catarina. A partir desse acervo, ainda intacto, do ponto de vista de estudos históricos/historiográficos, procurar-se-á mostrar uma catalogação analítica ancorada na perspectiva da cultura escolar entendida nos pressupostos defendidos por Dominique Julia como “*um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos*”³

Este estudo centrará sua atenção, igualmente, nos conteúdos desses livros expressos por seus títulos e na materialidade dos seus suportes – marcas de leitura e ilustrações – para analisar os saberes que sustentavam a aprendizagem na escola catarinense, como formador de imaginários/subjetividades que carregam em si as marcas de um tempo. A análise da materialidade do suporte é importante já que “*não há texto fora do suporte que lhe permite ser lido e que não há compreensão de um escrito, qualquer que seja que não dependa das formas pelas quais atinge o leitor*”.⁴

¹ Projeto de Pesquisa: “–História da Cultura Material da Escola Catarinense/Museu da Escola Catarinense” concebido pela Prof^a Maria da Graça Vandresen (1995) e atualmente coordenado pela Prof^a Dra. Vera Lúcia Gaspar da Silva/FAEd/UDESC /SC.

² CHARTIER, R.A **História Cultural. Entre Práticas e Representações**.Lisboa.Difel: 1989, p. 17.

³ JULIA,D. A cultura escolar como objeto histórico.**Revista Brasileira de História da Educação**.n.1. São Paulo: Editores Associados.2001. p. 9

⁴ CHARTIER, R. op.cit. p.:127.

A periodização escolhida (1920-1970) corresponde a um momento relativamente estável de construção, consolidação e transformação do livro escolar em Santa Catarina, marcado por sua nacionalização e pelo surgimento de novos modelos de leitura escolarizada no país.

Os livros de leitura deste acervo são fruto de doações buscando-se, em seus interiores indicações de seus usos, formas de apresentação, marcas de seus leitores ao longo do tempo expressas tanto pelas marginálias (escritos ao longo das beiras das páginas, grifos de leitura ao longo do tempo) e pelos chamados *objetos relíquias* (flores secas, santinhos, papéis guardados, registros de experiências íntimas feitas a partir da leitura). Especial atenção tem sido dada aos *objetos relíquias* que estão sendo analisados como “*dotados do poder de lembrar os amores e as amizades; registros de anotações íntimas, particulares conservados pela escrita*”.⁵ Estes pequenos escritos, possuem a marca simbólica da pessoa que os fez, carregam consigo uma memória que demarca a obra com a dimensão da relíquia e dá certa permissão para historicizar as marcas do leitor no impresso.

Para descrição e análise dos livros foi confeccionada uma ficha bibliográfica. Os dados coletados foram lançados em tabelas. Para este evento optou-se em apresentar a classificação do acervo por períodos, a partir da sua data de edição.

TABELA I – CLASSIFICAÇÃO DO ACERVO POR PERÍODO: DATA DA EDIÇÃO

DÉCADA	QUANTIDADE DE EXEMPLARES	PARTICIPAÇÃO NO ACERVO (%)
1950	46	17
1960	38	14
1940	35	13
1990	32	12
1920	20	7
1970	18	6
1930	17	6
1910	8	3
1980	6	2
1800	4	1
1900	3	1
NÃO CONSTA	50	18
TOTAL	277	100

O levantamento do acervo identificou 277 exemplares até a finalização da etapa de coleta de dados. Foram classificados segundo a época de sua edição para efeitos de pesquisa evidenciando que entre as décadas de 1920 a 1970 sua circulação é notória. Tal dado nos permite inferir que este período coincide com a consolidação da leitura e do livro escolares tanto pela ampliação do parque gráfico nacional como pelo incentivo à formação de leitores pela Escola, através do incentivo à prática da leitura escolarizada.

⁵ RANUN, O. Os refúgios da intimidade. IN: **História da Vida Privada.**/ VOL.3. São Paulo: Companhia das Letras. 1991. p.-215.

Uma segunda tabela mostra a área de conhecimento dos livros e o número de exemplares.

TABELA II: EXEMPLARES / ÁREA DE CONHECIMENTO

Área de Conhecimento	Exemplares	Participação (%)
Didática, Pedagogia, Educação	62	22%
História, Biografias	33	12%
Romance	28	10%
Português, Literatura	28	10%
Economia, Política, Sociologia	20	7%
Matemática	13	5%
Enciclopédias (volumes)	14	5%
Ensino/línguas estrangeiras	12	4%
Edições/línguas estrangeiras	12	4%
Latim	12	4%
Anuários, boletins	9	3%
Acervos, Museus	8	3%
Dicionários	6	2%
Geografia	6	2%
Desenho	4	1,5%
Música	4	1,5%
Ciências	4	1,5%
Municípios	3	1%
Religiões	2	0,7%
Oratória	2	0,7%
Total de exemplares	277	100

O cruzamento destas tabelas permitiu verificar a incidência de assuntos em alguns períodos, evidenciando a predominância dos livros de educação, envolvendo livros escolares, cartilhas e séries de leitura graduada para a escola primária de então.⁶ Este dado é relevante por se tratar de um período da nacionalização do ensino e sinaliza para o investimento do Estado na formação de um cidadão *civilizado e patriota* que tinha na leitura uma prática escolar civilizadora.

Os dados indicam uma escola que se institucionalizava, com espaços, tempos, métodos e saberes melhores definidos, aonde os livros também se especializam, constituindo sistematizadores dos saberes para os diferentes campos de conhecimento. Pela leitura do livro o saber não se oferecia mais à memorização: trazia a produção de outros e novos saberes e, dessa forma, outras formas para sua representação eram instituídas, de simples depositário de cultura universal passava a ser fonte de lazer (através das ilustrações) e manancial de experiências.

Ilustrações e Marcas de Leitura

A imagem acompanhando o texto de leitura se inicia como apoio metodológico ao método “lição de coisas”. No início, pode-se perceber que as imagens eram apresentadas em forma de desenho feito a bico de pena mas outras imagens mais fortes,

⁶ Destaque para a Série de Leitura Graduada Pedrinho de autoria de Manuel B.Lourenço Filho.

até coloridas começam a se tornar mais presentes nos livros a partir da década de 1930 quando o tratamento da imagem adquire uma nova feição.

Este estudo além de se referir às ilustrações pretende também analisar as marcas de leitura que foram encontradas no interior dos livros para tentar evidenciar usos e apropriações dos livros por seus leitores. É também uma maneira de traçar vestígios, sinais da presença do leitor em suas páginas.

Foram catalogados os livros que tinham algum tipo de marca em seu interior. No total cerca de 90 (noventa) livros guardavam entre suas páginas objetos (flores secas, poemas, notas de compra, bilhetes, santinhos, marcadores de leitura) e apresentavam variadas anotações de leitura feitas pelos seus leitores em épocas distintas. Este material foi digitalizado e analisado na perspectiva da História da Leitura pois se como afirma Darnton “ *a leitura tem uma história* ”⁷ ela não se desenvolveu de igual maneira nos lugares e ao que tudo indica “ *o elemento humano no cenário deve ter afetado a compreensão dos textos* ”.⁸

Estudar as marcas deixadas pelos leitores permite inferir suas relações com os livros para além dos usos autorizados. Parece evidente que só podemos fazer aproximações, mas estes registros sinalizam para uma relação mais aprofundada com o impresso escolar. Nas margens ou fora delas, no texto, em papéis e relíquias guardados dentro dos livros o leitor se anuncia e tais imagens fornecem indícios sobre a relação livro/leitor e a experiência de leitores comuns.

Os resultados da pesquisa parecem indicar que os leitores também *habitam* os livros e que através deles é possível conhecer saberes que sustentaram a aprendizagem inicial da leitura e da escrita na escola catarinense e brasileira, já que uma história da leitura e dos atos de inscrição nos livros “ *não é somente uma operação abstrata do intelecto; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros* ”.⁹ Estas ilustrações e inscrições nos livros escolares podem constituir um acervo relevante para a pesquisa sobre a leitura escolar e para história das instituições escolares e seus acervos de livros, além de permitir ao historiador da educação entender esta produção silenciosa que é a atividade leitora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CHARTIER, R. **História Cultural. Entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 1989

CHARTIER, R. **A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.** Brasília: Editora da UnB, 1994.

DARNTON, R. *História da leitura.* BURKE, P. **A escrita da história. Novas perspectivas.** São Paulo: UNESP, 1992. p.199-236.

JULIA, D. *A cultura escolar como objeto histórico.* **Revista Brasileira de História da Educação.** Volume 1. São Paulo: Autores Associados, 2000. p. 9-43.

RANUM, O. *Refúgios da Intimidade.* **História da Vida Privada.** Vol;3. São Paulo: Companhia das Letras. 1991. p.211-265.

⁷ DARNTON, R. História da Leitura. IN: BURKE, P. (org) **A escrita da História. Novas Perspectivas.** São Paulo: UNESP, 1992. p.200.

⁸ Idem, p. 214.

⁹ CHARTIER, R. **A Ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.** Brasília: Editora da UnB. 1994. p.17.